

## EDUCAÇÃO E INCLUSÃO: A FORMAÇÃO DE ACADÊMICOS SURDOS NO CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS/AM.

---

**Fabiana Martins Farias** – Graduada em Licenciatura em Pedagogia Pelo Centro de Estudos Superiores de Parintins - CESP/LEA (2016-2021), Pós-graduação em Psicopedagogia com ênfase em Educação Especial pelo Dom Alberts/FAVENI (2021 atualmente), Pós-graduação em Gestão Escolar pelo Dom Alberto/FAVENI (2021 atualmente), Especialização em Educação Inclusiva no Campo pela UFPA (2021 - Atualmente).

**Francisca Keila de Freitas Amoedo** - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática. Mestre do Programa de Pós-graduação de Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (2017). Possui graduação em Pedagogia - UNIALSELVE (2010) e graduação em Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA (2005). Pós-graduada em: Psicopedagogia, Ed. Inclusiva e LIBRAS.

---

### RESUMO

Este artigo resulta de um projeto de extensão cujo o intuito é abordar sobre a prática formativa dos professores do Centro de Estudos Superiores de Parintins-AM, na perspectiva da inclusão, uma vez que há a presença de acadêmicos surdos tanto nos cursos de humanas e exatas. Neste sentido, busca-se verificar como ocorre a prática formativa dos professores formadores no Ensino Superior nos cursos de licenciatura para alunos surdos. Além do questionamento acerca da acessibilidade dos acadêmicos surdos no Ensino Superior, considerando o processo de inclusão deles. A natureza deste trabalho parte da dialética através de uma abordagem fenomenológica, pois ela permite que seja feita uma interpretação com base no que está sendo enfatizado pelos sujeitos da pesquisa. Para melhor compreensão, trazemos autores como Brasil (1996); Rodrigues (2013); Moraes e Cavalcante (2009), dentre outros que nos possibilitaram compreender a dinâmica deste processo. A pesquisa teve como ponto de partida um estudo de caso, direcionado aos acadêmicos surdos. Para a construção dos dados da pesquisa, foram utilizadas a observação participante; entrevista semiestruturada; diário de campo e fotografias. Na perspectiva dos alunos surdos tanto antes quanto durante a pandemia, embora com dificuldades, o apoio dos intérpretes é de suma importância, e quanto aos professores, a maior dificuldade enfrentada por eles é não ter o domínio da Libras.

**Palavras-chave:** Formação de professores; inclusão; alunos com surdez.

---

## ABSTRACT

This article is the result of an extension project whose purpose is to address the training practice of teachers at the Center for Higher Studies in Parintins-AM, in the perspective of inclusion, since there is the presence of deaf academics in both human and exact courses. . In this sense, we seek to verify how the training practice of teacher educators in Higher Education occurs in undergraduate courses for deaf students. In addition to the questioning about the accessibility of deaf academics in Higher Education, considering their inclusion process. The nature of this work starts from dialectics through a phenomenological approach, as it allows an interpretation to be made based on what is being emphasized by the research subjects. For a better understanding, we bring authors like Brasil (1996); Rodrigues (2013); Moraes and Cavalcante (2009) among others that enabled us to understand the dynamics of this process. The research had as a starting point a case study, aimed at deaf academics. For the construction of the research data, participant observation was used; semi structured interview; field diary and photographs. From the perspective of deaf students both before and during the pandemic, although with difficulties, the support of interpreters is of paramount importance and as for teachers the greatest difficulty faced by them is not having the command of Libras.

**Keywords:** Teacher training; inclusion; deaf students

---

## INTRODUÇÃO

No âmbito da Educação Superior, é perceptível uma diversidade no que diz respeito a pessoas com cultura e língua diferente nos mais variados cursos, dentre essas, os sujeitos surdos dentro de seu processo formativo nos Cursos de Licenciatura do Centro de Estudos Superiores de Parintins.

A história mostra que durante longos anos os surdos foram excluídos da sociedade, pois eram vistos como pessoas inválidas por não se comunicarem através de uma linguagem oralizada. Diante disso, dentro das escolas os surdos eram obrigados a conviver e “aprender a oralizar” através da convivência com pessoas surdas. Apesar de muitas lutas, verifica-se que atualmente este cenário inclusivo possui muitas mudanças e conquistas, pois de acordo a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, a Língua Brasileira de Sinais torna-se a língua oficial dos surdos e, através dela, podem se comunicar tanto com pessoas surdas quanto com ouvintes por meio do contato visual espacial. Deste modo, verifica-se que o número de pessoas surdas dentro das instituições superiores vêm aumentando, assim considera-se que a formação destes sujeitos são de grande importância para a reflexão da prática docente dos professores universitários, bem como o processo de ensino aprendizagem.

A escolha do tema da pesquisa, que pretendemos culminar com um artigo, deve pelo fato que no CESP<sup>1</sup> concentra-se o maior número de acadêmicos surdos e com outras deficiências estudando. Todavia, nos pautamos aos acadêmicos surdos dos cursos de licenciatura nas áreas de humanas e exatas que se disponibilizaram a participar do projeto.

Com intuito de compreender melhor como se dá esse processo de formação dos surdos no Centro de Estudos Superiores de Parintins, especificamente nos cursos de licenciatura, buscou-se verificar dentro do Processo de Educação e inclusão, como vem ocorrendo a formação de acadêmicos surdos no Centro de Estudos Superiores de Parintins/Am. E de que forma os professores formadores contribuem nesse processo de formação dos acadêmicos surdos e dessa forma compreender esse cenário inclusivo partindo das práticas dentro do Ensino Superior.

Nesse sentido, da busca pelo conhecimento é que surgiu o projeto de extensão “Pesquisa sobre a prática formativa dos professores formadores no ensino superior com acadêmicos surdos no centro de estudos superiores de Parintins-AM”, este projeto foi desenvolvido por acadêmicos da Universidade, iniciou-se em agosto de 2019 e durou até agosto de 2020. O projeto tinha como principal objetivo investigar através de fontes primárias e secundárias como os acadêmicos surdos no Centro de Estudos Superiores de Parintins-AM veem a prática formativa dos professores formadores no ensino superior nos cursos de Licenciatura.

## **REFERENCIAL**

De acordo com a história dos surdos no Brasil e com base em uma pesquisa realizada por Rodrigues (2013), no ano de 1946 inicia-se no Amazonas a inclusão de pessoas com deficiências, a partir da Educação Especial, tendo como ponto de partida a fundação do Instituto Montessoriano pelo Dr. André Araújo. Após a fundação deste instituto, ocorre no ano de 1970 uma especialização para professores da rede estadual.

Diante dessa conquista, pessoas com deficiência passam a ser incluídas dentro da escola regular. Dentre essas pessoas, encontravam-se pessoas com deficiência mental, visual e auditiva. Estas, por sua vez, eram marginalizadas diante da sociedade e não tinham grandes perspectivas educacionais que as incluíssem dentro do sistema de ensino. Então, foi a partir deste avanço, que passaram a caminhar para novas conquistas.

De acordo com Rodrigues (2013), no ano de 1975 é fundado no Estado um setor ainda maior para ser responsável pela Educação Especial, este que teve como nome de Coordenação de Programas de Assistência ao Educando Especial, fundado pela Secretaria Estadual de Educação, foi criado devido ao aumento da demanda de pessoas com necessidades especiais. Logo, foi formada uma equipe de profissionais

---

<sup>1</sup> Centro de Estudos superiores de Parintins

capacitados para atender pessoas com as mais variadas deficiências. Através da parceria entre SEDUC e o Centro Especial de Educação (CENESP/MEC), devido à necessidade de levar este atendimento para pessoas no interior do Estado do Amazonas, este projeto contou com o envolvimento de muitos profissionais especializados na área para iniciar as ações.

Neste mesmo período, surgem várias conquistas e avanços significativos como a criação da Associação e Amigos dos Excepcionais (APAE) no ano de 1976, além desta é fundado no ano de 1979, o Centro Especial Helena Antipoff da Sociedade Pestalozzi do Amazonas para atender pessoas com doenças mentais. Desde então, verifica-se um cenário que emana muitos avanços que ocorrem de forma gradativa, mas de grande importância para todas as pessoas que necessitam de um atendimento educacional especializado e humanizado, haja vista, que durante muitos anos todas as pessoas com deficiência sofreram por serem vistas como inválidas, anormais e incapacitadas de viver em sociedade.

Após este cenário de inclusão, a demanda de pessoas com necessidades especiais aumentava ainda mais. Em 13 de maio de 1982, foram criadas As Escolas Especiais por meio do Decreto n. 6.331. As escolas fundadas foram: a Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos, para atender pessoas com surdez profunda; a Escola Joana Rodrigues Vieira, para atender pessoas com deficiência visual; a Oficina Pedagógica Diofanto Monteiro, que atendia pessoas com deficiências mentais, esta que oferecia cursos profissionalizantes de nível básico para maiores de quatorze anos (Diário Oficial do Amazonas, 13 de maio de 1982). No mesmo ano, também foi criado o Instituto Fellipo Smaldone, localizado em Manaus- Amazonas, o qual precisou ampliar o atendimento devido à grande procura para educação dos surdos.

Os atendimentos favoreciam as pessoas que necessitavam de uma atenção maior. Em muito breve, já haviam escolas especiais em diversos municípios do Estado para levar uma educação para as pessoas surdas e com outros tipos de deficiência. Dando continuidade a inclusão dessas pessoas, a SEDUC passa a criar parcerias com algumas instituições não-governamentais como a Associação de Pais, Pestalozzis e APAES.

Em 1990, a educação especial necessitava ser ainda mais ampliada, pois o número de pessoas que estavam à espera para obter educação especializada era ainda maior. Com isso, a SEDUC funda a Escola Estadual Manoel Marçal de Araújo, para atender pessoas com síndromes e deficiências mentais proporcionando assim a educação que estes procuravam.

Deste modo, a luta entre famílias de pessoas com deficiência, assim como as associações juntamente com os órgãos governamentais e não governamentais, passa a ser visivelmente relevante, pois as conquistas para que as pessoas com especificidades fossem incluídas no meio educacional foi longa e cansativa, mas a persistência em promover uma educação que alcançasse essas pessoas foi ainda

maior. Após longos anos, a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência torna-se de fato algo concreto, através do decreto Nº 3.298, de outubro de 1999, consolida a tão esperada norma de proteção a estas pessoas. Desde então, surge uma reflexão pedagógica acerca da educação especial, com intuito de promover uma educação menos limitada ou centralizada apenas na educação especial e, neste sentido, surge a proposta de incluir no ensino regular pelo menos o quantitativo de 60% de um total de pessoas com necessidades educacionais especializadas. Então, pessoas com deficiência passaram a estudar juntas com pessoas que não possuíam nenhum tipo de deficiência.

A Secretaria Estadual de Educação no ano de 2003 cria a Gerência de Atendimento Específico, com intuito de coordenar as atividades que eram para atendimentos de pessoas com necessidades especiais, nas seguintes modalidades: Escolas Especializadas; Ensino com Professor Itinerante; Centro de Apoio Pedagógico à Pessoa com Deficiência Visual - CAP; Centro de Apoio Educacional Específico - CAESP; Classes Especiais na Capital e no Estado, dentre outros.

Embora se tenha alcançado muitos avanços, eis que tivemos um grande retrocesso quando se pensa em uma educação humanista. Através do Congresso de Milão em 1980, é proibido o uso dessa língua dos surdos e para que estes se comunicassem tinham que “aprender a falar” através do método oral e isso prejudicava bastante essas pessoas. Contudo, logo foi possível desmarginalizar o uso da Língua de Sinais.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, em seu 58, que diz que a Educação Especial é “Uma modalidade de ensino, oferecida especificamente na escola regular para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotado”. Especificamente no Estado do Amazonas, os surdos como cidadãos de direitos garantidos constitucionalmente, têm um ensino que é ofertado de três formas: nas escolas regulares, onde são acompanhados pelos intérpretes de Libras que fazem a mediação entre o estudante surdo e o ouvinte e vice-versa; escolas regulares com Atendimento Educacional Especializado e escolas especificamente para surdos.

Porém, a geografia do Estado é um fator que dificulta que essas pessoas consigam aquilo que lhe é de direito, pois são poucos os municípios que dispõem de estrutura para atendê-los e como o transporte que desloca as pessoas dos municípios do interior até a capital é por meio fluvial, isso se torna ainda mais difícil.

De acordo com o Plano Estadual de Educação - PEE/AM (2015), além de Manaus, os primeiros municípios a ofertarem um ensino para surdos com presença de intérpretes foram: Parintins, Manaquiri e Tefé em nível fundamental e médio. A inclusão destas pessoas vêm acontecendo de forma gradativa e significativa ao longo dos anos.

Esses avanços proporcionaram aos surdos a possibilidade de inserção no meio social,

pois é perceptível que além dos surdos serem incluídos no ensino regular, estão nos institutos, nas universidades, tanto públicas como privadas. Além disso, encontra-se surdos atuando como professores em universidades, em mestrados e doutorados. Ou seja, foi difícil, muitas lutas foram necessárias, mas podemos dizer que hoje o surdo tem seu lugar garantido dentro da sociedade, de maneira igualitária aos demais cidadãos.

### **Conhecendo a história do surdo em Parintins**

A história dos surdos, tanto mundialmente quanto nacionalmente, emana de muitas lutas para que este segmento social tivesse os direitos garantidos em constituição. Como reflexo dessas lutas, é fundada pela Diocese de Parintins em parceria com o Governo do Estado do Amazonas no ano de 1982, a Escola de Áudio Comunicação Padre Paulo Manna, devido a cidade ter um número expressivo de pessoas surdas. Com a fundação dessa escola, eram atendidos, apenas alunos surdos, mas em seguida pessoas com necessidades educacionais especiais e dificuldades de aprendizagem também passaram a ser atendidas. Atualmente, esta escola teve um número crescente de surdos assim como pessoas com necessidades educacionais especiais e dentro do quadro de profissionais encontra-se professores surdos que contribuem no processo de ensino aprendizagem de estudantes surdos.

No ano de 1985 é criada a Associação Pestalozzi de Parintins, que nos dias atuais é a Escola Estadual Glauber Viana Gonçalves. Durante muitos anos, a educação para pessoas surdas e com outros tipos de deficiência ficava a cargo dessas duas escolas, cabendo às secretarias: SEDUC E SEMED, somente o apoio através de convênios PLANO DE TRABALHO - SEMED/PIN (2005, p. 4).

No contexto de inclusão de pessoas surdas, a Escola de Áudio e Comunicação Pe. Padre Paulo Manna, tem grande relevância para a história das pessoas surdas em Parintins, esta foi a primeira escola a atender pessoas com surdez. Pois ela atende desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental e como já mencionado, possui um quadro de profissionais capacitados a atuarem nesse processo. Partindo dos princípios do educandário de que toda criança surda deve ser alfabetizada através da sua língua materna, que para os surdos é a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

Conforme os avanços que a comunidade surda obteve durante longos anos, as faculdades públicas, assim como os Institutos de Educação Superior em Parintins recebem estudantes surdos das mais variadas regiões do Baixo Amazonas, tanto o Centro de Estudos Superiores de Parintins, Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia - ICSEZ e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas-IFAM, oferecem aos seus educandos surdos o acompanhamento de intérpretes no processo de ensino-aprendizagem.

## **A inclusão de estudantes surdos no Ensino Superior**

As instituições de Ensino Superior trazem enquanto espaço educativo pessoas com raças, culturas, religiões e especificidades diversas, assim como estudantes com algumas especificidades, como é o caso das pessoas surdas e ouvintes. Neste caso, especificamente os surdos, que por meio de muitas lutas alcançaram seus direitos que os tornam cidadãos, estes garantidos como o de estudar e se comunicar através da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Nesse sentido, é preciso pensar que a mesma instituição que forma pessoas capazes de serem críticas diante dos diversos problemas que a vida impõe, deve estar atenta as situações de exclusão ou qualquer outra forma de preconceito dentro e fora da sala de aula, independentemente de suas especificidades haja vista que a educação é um direito de todos e deve ser oferecida de forma gratuita, igualitária e de qualidade.

Com isso, sua importância é primordial para formar cidadãos capazes de transformar seu modo de vida e sua realidade. De acordo com a Lei nº 9394/96 Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pautada na Declaração Universal dos Direitos Humanos enfatiza que:

“ Título II - Dos princípios e Fins da Educação Nacional.

Art. 2º A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: II– Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III– Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; IV– respeito à liberdade e apreço à tolerância; X– valorização da experiência extraescolar.” (BRASIL, 1996, p. 07).

Diante aos direitos constituídos e garantidos em lei, toda pessoa deve usufruir deste para a sua formação e cidadania. Tendo em vista toda e qualquer diferença, os princípios educativos prezam por uma educação igualitária, com diversas possibilidades de aprendizagem com intuito de que o conhecimento chegue a todos.

Quanto ao profissional docente, seu trabalho exerce grande importância dentro do Ensino Superior, pois este por meio de sua formação, conhecimento teórico e prático contribui para a formação de todos os estudantes, daí a importância de uma formação humana, faz com que ele possa se deparar com uma diversidade dentro de sala de aula. Ainda assim, por meio das tentativas de levar um conhecimento igualitário para todos, considerando todos os aspectos importantes para a formação do cidadão.

Nesta perspectiva, Tardif e Lessard (2007) afirmam que “os professores são também atores que investem em seu local de trabalho, que pensam, dão sentido e significado aos seus atos, e vivenciam sua função como uma experiência pessoal,

construindo conhecimentos e uma cultura própria da profissão” (TARDIF; LESSARD, 2007, p. 38). Diante disso, a inclusão dos estudantes surdos surge da necessidade de garantir que de fato ocorra a inclusão, e esta deve ser objetivo do profissional de educação, tendo em vista que seu trabalho parte do compromisso de promover uma educação igualitária em sala de aula. Assim sendo, as práticas pedagógicas precisam ser constantemente reconstruídas, com intuito de compreender que o caminho para a inclusão depende de diversos fatores e um deles é um empenho de todos.

## **METODOLOGIA**

O projeto parte da pesquisa de natureza qualitativa, onde André (2012) traz a contribuição de Weber (1997), citando que a pesquisa qualitativa não é somente o oposto da pesquisa que contém números (quantitativa), mas é uma pesquisa que tem seu foco na investigação e na compreensão dos significados atribuídos pelo sujeito (aquele que faz a ação).

Para que pudéssemos desenvolver a pesquisa, nos apoiamos no método de abordagem fenomenológico, de natureza qualitativa, sendo esta uma pesquisa aplicada, pois, envolve verdades e interesses locais, tendo como abordagem metodológica de investigação. Como se trata de uma pesquisa de caráter fenomenológico destacamos que fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, definem essenciais: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas também, a fenomenologia é uma filosofia que substitui a essência na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma se não a partir de sua facticidade (TRIVIÑOS, 1987, p. 43 apud BORGES & DALBERIO, 2007, p. 5).

Dessa maneira, entende-se que a fenomenologia se preocupa com o fenômeno a partir do olhar do sujeito, que de acordo com Gil (2010, p. 39), trata-se, pois, de um tipo de “pesquisa que busca descrever e interpretar os fenômenos que se apresentam a percepção”.

O método de procedimento desta pesquisa foi o estudo de caso, pois, procurou compreender, explorar e descrever a realidade, permitindo um amplo conhecimento sobre a investigação, que segundo Severino (2007, p. 121), o estudo de caso se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo. Técnicas e instrumentos utilizados foram: análise documental, observação e conversas em forma de relatos de experiências vivenciados pelos acadêmicos surdos, através de encontros anteriormente presenciais e, por motivos de segurança, foi necessário seguir de forma remota. Foram feitas conversas com alguns professores da universidade a respeito dos acadêmicos surdos.

No início, foram feitos encontros com 18 acadêmicos surdos, mas apenas 8



continuaram realizando as atividades remotas através dos encontros virtuais, incluindo um novo modelo de educação através das mídias digitais, nesses encontros o que se enfatizava era a prática formativa e as perspectivas das experiências dos surdos, através de relatos, antes e durante a pandemia da seguinte forma: Geografia, 02 alunos; História, 01 aluno; Química, 03 alunos; Física, 01 aluno e Pedagogia, 01 aluno.

## **RESULTADOS**

A pesquisa: Educação e inclusão: a formação de acadêmicos surdos no Centro de Estudos Superiores de Parintins/Am, direcionada ao processo formativo desses acadêmicos nos cursos de licenciatura no CESP.

Apesar do prazo de 12 meses, destinado ao projeto de extensão, a pesquisa obteve resultados parciais, pois, devido a situação de pandemia que se instalou sobre o país, não foi possível contato direto com os alunos.

Assim, para continuidade dos trabalhos, foi traçado um outro cronograma para seguir a pesquisa no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), campus da Universidade do Estado do Amazonas, no município de Parintins/AM.

Diante dos relatos de experiência, destacaremos alguns pontos que foram expostos pelos acadêmicos surdos, contudo vale ressaltar que as respostas aqui são transcrições feitas por um intérprete de libras, e os surdos não usam conectivos na formação das frases.

Primeiramente, iremos tratar da pergunta: Como está sendo a experiência como acadêmico em formação na Universidade, em dois momentos distintos, um antes da pandemia e outro durante, iremos agora nos ater as respostas dos acadêmicos. Acadêmicos de Geografia: antes da pandemia, aluno 01: “Bom conhecer pessoas novas, trabalhos diferentes da escola. Aula de campo”. Aluno 02: “Universidade grande, difícil, muito tempo sem estudar, mas gostar de aprender fazer trabalhos, colegas, ir campo pesquisar”. Durante a pandemia, Aluno 01: “internet ruim, difícil entender, professor e intérprete diferente.”; Aluno 02: “Não gostar, interior não pegar internet, professor audio, audio e surdo não escutar”. Acadêmico de História, “Na UEA, bom estudar, pesquisar biblioteca, núcleo ajuda muito surdo, tutor perto e intérprete na sala, entender melhor professor falar” e durante a pandemia: “Conexão difícil, internet ruim, professor aula com intérprete gravar aula só com surdo, isso é bom, ajudar fazer atividades tutor pelo celular e núcleo”. Acadêmico de Pedagogia antes da pandemia: “Gostar Pedagogia, professores, trabalho, grupo ouvintes, turma aprender libras, isso bom ajudar eu”, durante a pandemia: “Aula boa com ajuda professor e intérprete e tutor, conexão difícil, mas consegui fazer”. Acadêmicos de Química, antes da pandemia: Aluno 01: “UEA bom, estudar, R.U, núcleo conversar, pesquisar tutor e intérprete, ver pessoas”. Aluno 02, “estudar tarde bom, fazer

atividades, cálculos, libras intérprete e tutor ajudar”; Aluno 03: “dia todo estudar, manhã núcleo, tarde aula sala, noite casa estudantes. Muito trabalho professores”, e durante a pandemia; Aluno 01 “aula celular um pouco bom, professor muita lista exercícios grande, difícil longe intérprete e tutor”. Aluno 02 “aprender gostar de estudar no computador, mas com intérprete junto, difícil surdo sozinho”. Aluno 03: “tentar estudar, mas muito medo doença, morrer, difícil fazer lista exercícios pelo celular”. Aluno de Física antes da pandemia, “Estudar, professor legal, rir e tentar fazer libras, física bom gostar aprender calcular, intérprete legal ajuda muito, tutor bom”, e durante a pandemia “Início estudar sozinho com tutor e intérprete no núcleo, casa não ter internet, não ter quadro fazer exercício grande, difícil”.

Na síntese das respostas dos acadêmicos, procuramos expor a forma escrita que os mesmos referem as experiências como acadêmico em formação na Universidade do Estado do Amazonas/UEA-CESP Parintins.

Primeiro ponto que analisamos foi a forma escrita da língua portuguesa, que se diferencia da libras que é a língua materna do surdo.

Segundo pesquisas realizadas pelo Portal da Educação, o aprendizado da Língua Portuguesa é constituído em realidades diferentes para alunos.

O oralismo teve como objetivo integrar os surdos à comunidade ouvinte por meio do desenvolvimento da expressão oral.

Apesar dos surdos decodificarem a Língua Portuguesa, os surdos têm dificuldades de compreensão de textos lidos, considerando que as práticas de letramento a que os surdos foram submetidos não privilegiam a leitura e nem a escrita, mas o oralismo.

A formação em nível superior agrega não somente pessoas surdas, mas de outros tipos de deficiência. E isso é perceptível no Centro de Estudos Superiores de Parintins. Mas em relação ao acadêmico surdo, estes estão ganhando cada vez mais espaço dentro das universidades e que de fato o direito à educação contribui de forma relevante para a história de lutas desta comunidade e com perspectivas boas para um futuro melhor de inclusão.

Durante esse processo de formação é vital todo conhecimento adquirido através das colaborações e mediação do professor em sala de aula.

No entanto, quando falamos de acadêmico surdos no ensino remoto mediado por tecnologias, o professor depende exclusivamente de um intérprete que ajude-o em sala de aula, pois é dificultoso que o professor utilize a linguagem oralizada e a Libras ao mesmo tempo mesmo que em ambientes distintos.

Os acadêmicos surdos do curso de exatas descrevem suas experiências esclarecendo pontos importante para um melhor entendimento. Em relação à acessibilidade e que esta se dá no dia a dia, através da colaboração dos intérpretes e tutores que ajudam nas atividades diárias.

Considerando que muitos dos professores ainda estão tendo acesso pela primeira vez com Libras, esta que é fortemente utilizada pela comunidade surda e por pessoas ouvintes que também fazem uso para a comunicação com pessoas surdas.

Considerando todas as dificuldades na comunicação entre acadêmicos surdos para com professores ouvintes e colegas de turma ouvintes e vice-versa, é perceptível o esforço de ambos para que haja participação nas atividades dentro de sala de aula e fora. Haja vista, que como prática acessível se percebe o interesse de acadêmicos e professores ouvintes em buscar aprender Libras, que existe em todos os cursos de Licenciatura do CESP-AM, com intuito de gerar mais comunicação e promover a inclusão, bem como facilitar o desempenho do acadêmico surdo por meio de colaborações maiores dos colegas para o entendimento de conteúdos em sala de aula.

### **Visão dos professores sobre a experiência em sala de aula com surdos e ouvintes**

Em relação aos professores, muitos destes dizem sentir dificuldades em sala de aula, pois precisam adequar uma metodologia que atenda às necessidades não somente do acadêmico ouvinte, mas também do acadêmico surdo. E isso requer muito cuidado, como, por exemplo, no exercício diário com acadêmicos surdos é necessário que se trabalhe o campo visual, logo os slides devem ser pensados para que ele consiga acompanhar e entender o que está sendo estudado. Os filmes educativos, por exemplo, o professor procura os que possuem legenda para que estes também consigam acompanhar o enredo, pois segundo os professores e acadêmicos surdos é complicado assistir e ao mesmo tempo ficar atento ao intérprete traduzindo o filme, estes dizem ser quase impossível.

Como percebemos a importância que os surdos dão aos intérpretes e tutores tanto no período de aula dentro de sala como nesse período de atividades remotas.

Deste modo, o papel do intérprete em sala de aula para acompanhar o acadêmico surdo é imprescindível, pois a ausência deste dificulta todo o processo de ensino-aprendizagem, bem como sua presença contribui de forma significativa para o desenvolvimento de conhecimentos novos para os acadêmicos surdos.

Como parte da pesquisa, foram feitas perguntas aos docentes da turma: 1- De que forma ocorre a comunicação entre professor e acadêmico surdo dentro de sala de aula?; 2- Quais as dificuldades enfrentadas ao trabalhar as disciplinas com os acadêmicos surdos?; Há relação de troca de saberes entre professor e acadêmicos surdos? Como ocorre?

P1- (A) nos diz que a falta de conhecimento da Libras gera uma fragilidade na comunicação, pois estes, mesmo sabendo um pouco, o diálogo é limitado, é por meio do auxílio do intérprete que se consegue gerar uma interação maior. Na ausência de um intérprete, tanto o professor quanto o acadêmico surdo ficam perdidos. Em uma pergunta feita ao professor:

(A) Sobre como ocorre a troca de saberes entre professor e acadêmicos surdos, ele respondeu: “Ocorre através da elaboração de perguntas específicas para o acadêmico surdo, através da intérprete”.

É perceptível quão importante é o auxílio do intérprete, pois tanto surdos quanto ouvintes necessitam fazer essa mediação entre a língua portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais.

Em relação a um questionamento sobre quais estratégias são desenvolvidas para estabelecer comunicação com acadêmicos surdos em meio a conteúdos estudados em sala de aula. Ela responde que a melhor forma de interagir com o acadêmico surdo é por meio da intérprete.

Sobre o mesmo questionamento com a professora (B), ela enfatiza problemática em relação às dificuldades no uso da Libras, visto que, ainda está fazendo um curso para aprender um pouco mais, para facilitar a comunicação com os acadêmicos surdos.

A professora relata que ao se deparar pela primeira vez com um acadêmico surdo, causou desespero, ela não conseguia utilizar os sinais, pois ainda não tinha iniciado o curso e a intérprete neste dia ausentou-se, logo esta teve que pedir ajuda da turma para que contribuíssem repassando ao acadêmico surdo o que tinha sido explicado.

Esta comenta que “percebemos quão crucial é dominar a Libras para que na ausência do intérprete não haja um desequilíbrio. Considerando que o professor não irá dar aula em duas Línguas, mas conseguirá utilizar sinais para interagir com o acadêmico surdo quando necessário.” Além disso, discursa que uma comunicação maior com o acadêmico surdo se dá através do intérprete e que as dificuldades aparecem quando precisa se ausentar. E quando isso acontece muitas vezes o acadêmico surdo não vai à aula também. Mas como enfatiza a professora: “há troca de saberes, pois foi exatamente com meu aluno que aprendi a utilizar alguns sinais da Libras e isso é muito bom, pois à medida que ele está aprendendo em sala o professor e colegas de turma têm o privilégio de aprender alguns sinais de sua Língua”.

### **Acadêmicos surdos e suas visões a respeito de suas vivências na Educação Superior em tempos de pandemia**

Ainda nos relatos e encontros com acadêmicos surdos dos cursos de humanas e exatas, enfatizamos dois destes no trabalho para ajudar a compreender melhor na perspectiva dos acadêmicos surdos como a dos professores sobre algumas questões, que surgem com as práticas pedagógicas dos professores. Há compreensão de todos

os conteúdos estudados? o que poderia ser melhorado? Dentre outros.

Em relação ao acadêmico de humanas, este diz que acessibilidade existe e ocorre desde a resolução de algumas dificuldades que são solucionadas pela participação dos intérpretes e tutores, todavia a dificuldade maior está no acesso à internet e a distância entre tutor, intérprete, professor e acadêmico surdo, dos professores do Centro, que ajudam quando acontece algum problema.

A falta de estar no Núcleo de Acessibilidade (NA) oferece espaço para que os estudantes estejam ali para estudar, tirar dúvidas com outros surdos e intérpretes, prolongar e exercitar as atividades repassadas em sala de aula.

A comunicação em sala de aula se dá através da comunicação entre surdo e intérprete e intérprete para ouvintes. No entanto, nem sempre essa interação ocorre, com a ausência do intérprete estes dizem ficar sem entender o conteúdo e sem se comunicar com o professor e demais colegas de turma.

E a prática do professor muitas vezes varia de acordo com cada professor que ministra disciplinas do curso, pois enfatiza que muitos conhecem o básico para se comunicar e outros se desesperam com a falta do intérprete, mas ainda há a procura de metodologias que adequem as necessidades de todos, para que de fato haja o desenvolvimento da aprendizagem.

Este comenta que as dificuldades existem a todo momento, mas a força de vontade e de buscar o conhecimento se fortalece. E que com ajuda dos professores, intérpretes e colegas de turma, inicia-se uma prática acessível, ou seja, uma ação que favorece esse processo de ensino-aprendizagem.

## **CONSIDERAÇÕES**

No decorrer desta pesquisa, é possível observar que a inclusão vem ocorrendo em todos os âmbitos educacionais, no que se refere à comunidade surda e sua cultura, a diversidade traz uma importância significativa a esta causa e no Centro de Estudos de Parintins não é diferente. Pesquisar e problematizar é importante para que possamos averiguar se estes acadêmicos estão conseguindo ter um bom desempenho em seu processo formativo e de que forma estas práticas podem trazer bons resultados.

A importância de conhecer a história dos surdos bem como suas conquistas advindas de lutas é pertinente para a formação do acadêmico, visto que foi por meio de investigações aprofundadas na realidade do sujeito pesquisado que verificamos o quão é essencial conhecer a Língua materna do surdo, pois com esta diversidade amplia-se o conhecimento a respeito da inclusão. Haja vista, que incluir não é somente dar o direito do surdo de estar em uma universidade, mas fazer com que sintam-se acolhidos e parte desse processo formativo, tendo comunicação e troca de saberes com os ouvintes.

É necessário para que seja compreendido este processo educacional do acadêmico surdo como um processo de formação contínua, considerando que a acessibilidade do mesmo se dá através da comunicação em Libras, ou seja, o campo gestual e visual é essencial para que haja aprendizagem, assim as práticas pedagógicas acessíveis devem estar direcionadas à metodologias que atendam essas necessidades.

Esperamos que o resultado deste estudo colabore com a reflexão quanto à prática formativa dos professores formadores no ensino superior com acadêmicos surdos no centro de estudos superiores de Parintins-AM. E que através deste, outros estudos venham discutir a importância da educação inclusiva em todas as áreas do conhecimento e especificamente nos cursos de formação docente de maneira que possa contribuir para as reflexões sociais acerca da inclusão de pessoas surdas em todos os espaços que essas estejam.

## REFERÊNCIAS

AMAZONAS. Decreto-Lei n.6331 de 13/05/1982. Cria na estrutura da Secretaria Estadual de Educação as escolas .especiais: Augusto Carneiro dos Santos, Diofanto Vieira Monteiro e Joana Rodrigues Vieira. **Diário oficial do Amazonas**, Manaus, AM,13 de maio de 1982.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24/04/2002.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22/12/2005

BRASIL. **Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN. Brasília: Ministério da Educação, 1996. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>. Acesso em: 10 de Junho. 2019

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: **Magia e técnica, arte e política** – ensaios sobre literatura e história da cultura. 2º Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986<sup>a</sup>

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Direito à educação, diversidade e educação em direitos humanos**. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/04.pdf/](http://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/04.pdf) Acesso em: 29 ago.2014.

HONORA, M. Inclusão educacional de alunos com surdes: concepção e alfabetização. o surdo, a oralidade e o uso de sinais. In: LOPES, F. O. **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Roca, 1997. p. 327-357.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos**. 5. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. RAMOS, Francineide Nogueira. A educação inclusiva, em busca da formação do humano. In: RODRIGUES, Janine Marta Coelho.

(org). **Construindo trilhas, refazendo caminhos:** alguns pontos de reflexão sobre educação e diversidade. João Pessoa: UFPB, 2012, p.21-37.

RODRIGUES, Iara de Nazaré. RODRIGUES, Liliana. **Educação e Surdez:** Superando as Diferenças. Manaus-Amazonas: FBN, 2013. In Teoria e Prática da Educação especial- UEA2007.

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O trabalho Docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 3<sup>a</sup> Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999. São Paulo: Cortez, 2014

MOURA, M. C; LODI, A. C. B.;HARISSON,R.M.P. **História e educação:** FELIPE, T. A. Libras em contexto: curso básico: livro do estudante. 7. ed. Rio de Janeiro: LIBRAS editora gráfica, 2011.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LOPES, Maura Corcini. A mediação material e significativa no processo de integração de crianças surdas. In: SKILAR, Carlos et al. (org). **Educação e exclusão:** abordagens socioantropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 2004.p. 58-74.

PERLIN, G. T. Surdos: cultura e pedagogia. In THOMA, A.S.,M.C (org). **A invenção da surdez II:** espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2006.